

DA MÚSICA AO RITO: A FUNDAMENTAÇÃO DOS RITOS UMBANDISTAS

MACHADO, Carla Cristina¹

RU: 2810054

AMARAL, Felipe Bueno ²

RESUMO

Os ritos são de fundamental importância para a harmonização dos trabalhos dentro do terreiro, pois é através deles que é gerado um processo vibracional que promove ao médium a criação um “vínculo” com as Entidades que chegarão para trabalhar na sessão. Através dos cânticos é possível entender a forma como a Umbanda utiliza os pontos cantados para a construção da representação das identidades do seu culto religioso. Nesta pesquisa, demonstra-se que os Pontos Cantados apresentam características estéticas e poéticas provindas de diferentes culturas na sociedade brasileira e que através destes cânticos é possível entender a forma como a Umbanda os utiliza para a construção da representação das identidades do seu culto religioso. Através de consulta e análise bibliográfica, conclui-se que a Umbanda deve ser mais estudada, uma vez que é uma religião pouco explorada e reconhecida, sendo, portanto, os pontos cantados de fundamental importância para o entendimento dos ritos dessa religião, sendo necessários para que as sessões possam acontecer.

Palavras-chave: Umbanda. Ritualística. Pontos cantados.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em religiosidade no Brasil não podemos esquecer que aqui encontramos uma grande variedade de manifestações afro-religiosas, que vão desde as mais tradicionais as quais valorizam os códigos simbólicos e culturais africanos como é o caso do candomblé, nação/batuque e a Umbanda.

E dentro da Umbanda um dos rituais mais importantes da sua celebração é os pontos cantados, que são fundamentais para a harmonização dos trabalhos dentro do terreiro, pois é através dele que é gerado um processo vibracional que promove ao médium a criação um “vínculo” com as Entidades que chegarão para trabalhar na sessão.

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso 02- 2021.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Este emprego constante da música esta aliada à poesia nos rituais é, segundo Rosafa (2008), o elemento condutor e o 'combustível' dessa manifestação religiosa. Ainda segundo Vagner Rosafa (2008), os pontos cantados podem ser classificados em seis categorias: Pontos de louvação; pontos de segurança; pontos de chamada; pontos de trabalho; pontos de partilha e pontos de encerramento e gira. É extremamente comum serem encontradas variações entre as práticas de terreiros diferentes (ALMEIDA & SOUZA 2012), uma vez que o emprego dos pontos cantados e sua ritualística muda de um terreiro para o outro, bem como de uma região para a outra. Mesmo terreiros que mantêm uma proximidade geográfica podem utilizar-se de diferentes Pontos ou o "mesmo ponto" sofrer alterações em sua letra.

Assim, percebemos que os Pontos Cantados apresentam características estéticas e poéticas provindas de diferentes culturas na sociedade brasileira. Através destes cânticos é possível entender a forma como a Umbanda utiliza os pontos cantados para a construção da representação da identidade do seu culto religioso. Uma vez que se resgatarmos um pouco da história antiga perceberemos que antigamente, o homem que era materialista e ligado aos aspectos físicos e matérias, acaba indo em busca de entender a sua verdadeira finalidade existência e é em virtude dessa necessidade de se religar com o Criador, acabou buscando diferentes formas de contato com o superior/divino. E uma das formas encontrada para a reaproximação com o Divino/Deus foi através da música, onde se explicavam o respeito, a obediência e o amor ao Pai Maior/Deus/deuses.

E nesse sentido podemos classificar o uso das músicas como elemento principal nos ritos de umbanda um assunto um pouco complexo, pois trata-se de um assunto interno da organização da instituição religiosa umbandista. Os Pontos Cantados apresentam características estéticas e poéticas provindas de diferentes culturas na sociedade brasileira. Assim sendo, os pontos são interpretados ao longo da história humana em diferentes contextos e em diferentes religiões.

Podendo concluir que os Pontos Cantados apresentam características estéticas e poéticas provindas de diferentes culturas na sociedade brasileira. Através destes cânticos é possível entender a forma como a Umbanda utiliza os pontos cantados para a construção da representação das identidades do seu culto religioso. É por isso que é importante conhecermos historicamente a Umbanda no Brasil, a fim de identificar e explicar o sagrado e os ritos sagrados da umbanda, analisando como

se desenvolve a ritualística umbandista a fim de verificar como os pontos cantados fazem parte da ritualística.

Uma vez que ao termino dessa pesquisa conseguiremos analisar a importância dos pontos cantados para os rituais de Umbanda, bem como a umbanda constitui sua ritualística através dos pontos cantados a fim de compreender como funciona os ritos sagrados da umbanda a fim de analisar como o mesmo se desenvolveu ao longo do tempo avaliando como os pontos cantados fazem parte da ritualística e qual a importância dos pontos cantados para os rituais de Umbanda.

2 HISTÓRIA DA UMBANDA: FUNDAÇÃO DO TERREIRO DE UMBANDA NO BRASIL

A Umbanda é uma religião brasileira que surgiu no dia 15 de novembro de 1908 por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes quando ele recebeu uma entidade conhecida como caboclo das Sete Encruzilhadas no estado do Rio de Janeiro – RJ. A palavra “umbanda” deriva de m’banda, do idioma “quimbundo” (uma língua banto), que significa “sacerdote” ou “curandeiro” (SARACENI, 2008).

Em 16 de novembro de 1908, em meio a uma pequena multidão de amigos, parentes, curiosos e kardecistas incrédulos que se aglomeravam na casa de Zélio, baixou novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria umbanda. Além disso, fundou naquele dia aquela que, nesta narrativa, é descrita como a primeira tenda de umbanda da história, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (GIUMBELLI, 2002, p. 55).

O nome escolhido pela entidade de Tenda Espírita Nossa senhora da Piedade traz referência a fato que lá todos seriam acolhidos, não havendo diferenciação entre aqueles buscavam ajuda. Segundo Saraceni “o nome de Tenda seria justificado porque “Igreja, Templo, Loja dão um aspecto de superioridade, enquanto que Tenda lembra uma casa humilde” (SARACENI, 2003; p.23). Efetivando assim a vontade dos espíritos que ali iriam trabalhar, que era ajudar a todos sem distinção de cor, raça, sexo ou condição financeira.

Ou seja, o terreiro de Umbanda pode ser entendido como uma consequência de uma composição transformadora, que traz novos elementos para sociedade como um todo a fim de criar algo novo e que se distingue das outras religiões ou vertentes

religiosas que não contribuíram na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos poderiam ser ajudados.

E foi a partir desse dia que o primeiro terreiro de Umbanda foi fundado, bem como seus princípios e sua ritualística, as quais ainda se fazem presentes dos terreiros de Umbanda atuais. Contudo houve uma expansão dos trabalhos do médium Zélio Fernandino de Moraes, uma vez que o seu caboclo pediu que houvesse uma ampliação dos terreiros de Umbanda. Segundo Giumbelli (2002),

Dez anos depois da fundação dessa primeira casa, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, teria determinado a fundação de sete novos templos que seriam os responsáveis pela difusão ampla da nova religião, todos com o prefixo Tenda Espírita: São Pedro; Nossa Senhora da Guia; Nossa Senhora da Conceição; São Jerônimo; São Jorge; Santa Bárbara; e Oxalá (GIUMBELLI, 2002, p. 51)

Porém ao analisarmos os dados bibliográficos acerca da ampliação dos sete terreiros de Umbanda perceberemos que há uma divergência entre os pesquisadores em relação da sua data de expansão. Brown (1985) “acredita que ampliação dos demais terreiros tenha ocorrido em meados da década de 1920”; enquanto para Ortiz (1999) “encontra na década de 1930 a ampliação dos terreiros”.

Apesar da discordância entre as datas da criação de ampliação dos demais terreiros, podemos afirmar que os mesmos foram de total importância para a divulgação da Umbanda como uma religião brasileira.

O movimento de concepção da Umbanda e a criação das demais casas de Umbanda que foram criadas por Zélio Fernandino de Moraes e por sua entidade o caboclo das Sete Encruzilhadas acabaram por criar um grande movimento que afetou vários setores da nossa sociedade, e um deles foi a institucionalização da umbanda e a criação da federação brasileira de umbanda.

A institucionalização da umbanda, a partir da criação de federações, foi um reflexo do processo de mudança pela qual passa a sociedade brasileira. (...) a preocupação em edificar uma religião centrada na possibilidade de manifestação de espíritos oriundos das três etnias que formam a nação brasileira, foi certamente influenciada pelo intenso nacionalismo do regime de Vargas e pelo esforço de criar uma cultura nacional como base para a unificação do povo brasileiro. (OLIVEIRA, 2008, p.109).

O movimento gerado pelos terreiros certamente acabou representando uma grande virada na história da religião, pois a mesma acabou por influenciar o modo como hoje ela se expõe em nossa cultura e em nossa sociedade, uma vez que a umbanda visava dar voz aos espíritos/entidades de caboclos, pretos velhos, índios

entre outros que eram e continuam a ser marginalizados pelas outras religiões e pela nossa sociedade inclusive nos tempos atuais.

E se partirmos do contexto que existem várias linhas de trabalhos e entidades podemos concluir que é comum entre os médiuns de umbanda o trabalho com diferentes entidades, bem como a complementação dos trabalhos com os mais variados elementos que fazem parte da ritualística de cada linha de trabalho, bem como cada terreiro.

Uma vez que ela é uma religião que agrega vários aspetos de outras religiões como o catolicismo, espiritismo e as religiões de matriz africana como o candomblé e a nação/batuque que tem origem nos escravos africanos.

2.1 A UMBANDA E O SINCRETISMO CATÓLICO

Contudo quando falamos em religiões que detêm um sincretismo com outras religiões é importante ressaltar que ela traz consigo uma combinação de elementos oriundas de outra cultura.

Como no caso das religiões afro-brasileiras como o Candomblé, Batuque e até a Umbanda. Que no caso é uma religião fundada no Brasil, mas que traz elementos das culturas africanas como a fé nos orixás, imortalidade da alma, crença em antepassados e fé em um deus chamado de Olorum.

Porém a Umbanda não traz somente um sincretismo africano em seus ritos, ela traz consigo o sincretismo católico que é derivado do período escravista no Brasil, que data a chegada dos escravos africanos que traziam consigo seus cultos, seus orixás e sua religião a qual foi vista e condenada e banalizada pela igreja católica. E ao analisarmos o processo de Sincretismo religioso entre as religiões de origem afro-brasileiras percebemos que elas estão conectadas, desde o período denominado como Brasil colônia como já citado.

Tudo começou no período onde os portugueses colonizavam o Brasil, trazendo consigo novos hábitos, cultura e a imposição de uma religião única em nossa sociedade, a religião católica, a qual via a cultura e os ritos dos outros povos como algo errado e não aceitável na sociedade.

Além disso, com o passar do tempo e com o início do comércio de escravos e a vinda dos negros africanos para o Brasil, acabou gerando uma grande variação de

crenças e religiões em nossa sociedade, o que gerou um grande mal-estar dentro do catolicismo e na sociedade da época.

A Igreja Católica sempre tentou obrigar os escravos a aderirem as doutrinações cristã, impedindo que eles propagassem e exercessem suas obrigações religiosas na qual acreditava, ordenando que os escravos fossem batizados e compartilhassem das missas e dos sacramentos sagrados católicos. E foi nesse contexto que os escravos foram obrigados a não cultuar mais as suas crenças religiosas, sendo obrigados a participarem dos ritos do catolicismo.

Aos escravos africanos como já citado foi imposto a embargo das suas práticas religiosas. Porém mesmo com o esforço de conversão ao catolicismo, os escravos se compartilhavam informações e aumentavam as suas tradições religiosas e culturais em segredo.

Não havendo outra maneira além de usarem o sincretismo como via de manter vivo as suas crenças, trocando os nomes dos orixás por santos católicos como no caso do orixá Ogum que no sincretismo católico é visto como Santo Antônio, orixá Iemanjá como Nossa Senhora da Conceição, orixá Oxum como nossa senhora aparecida.

Também realizam mobilizações ou festividades nos mesmos dias em que aconteciam as celebrações católicas. Durante séculos o culto às divindades de matriz africana no Brasil foi proibido. Obrigando aos seus partidários a associar a imagem dos seus orixás aos santos da Igreja Católica para burlar a doutrinação católica escapando dos severos castigos impostos no período.

Gerando essa mistura de sincretismo religioso entre as religiões afro-brasileiras, ocasionando e enaltecendo também o preconceito contra as religiões afro-brasileiras até os dias atuais em nossa sociedade.

E hoje percebemos que a intolerância religiosa em nossa sociedade vem principalmente dos evangélicos, uma vez que este personifica o mal nas práticas afro religiosas, como já foi tratado por outros autores (SILVA, 2007; ALMEIDA, 2009).

Segundo Jensen (2001, p. 10) “outro modo utilizado para afastar a parcela africana da Umbanda era através da utilização de termos como Umbanda Branca, Umbanda Limpa, Umbanda Pura, contrastando com magia negra, associada ao mal”. Essa divisão de atuação das linhas de trabalho surge como uma forma de tentar afastar o preconceito e a intolerância religiosa.

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não podem existir; ou podem, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida (NOGUEIRA, 2020, p. 89).

Sendo assim, compreendemos que ainda existe muito preconceito e paradigmas que foram criados por adeptos de outras religiões que acabam por menosprezar o culto dos outros, principalmente porque não são vistas como cristãs e muitas vezes até sem saber o porquê da ritualística que a outra religião usa, ou seja, ainda existe muito a ser conhecido e muitos paradigmas a serem quebrados em nossa sociedade e nossa cultura.

A Umbanda além de sofrer com a intolerância religiosa por parte de setores de outras religiões cristãs a Umbanda vem sendo atacada por pessoas que não compreendem a sua ritualística.

2.2 RITOS DA UMBANDA

E ao analisarmos historicamente a história das religiões afro-brasileiras como já citado perceberemos que a religiosidade se desenvolveu em um contexto predominantemente católico, e umas dessas consequências foi a combinação de sincretismo africano com católico.

Brown (1985, p. 17) aponta que “os esforços para dissociar a Umbanda da sua imagem afro-brasileira podem ter sido influenciados pela intenção de escapar das perseguições às quais os grupos religiosos afro-brasileiros estavam sujeitos na época”.

Mesmo a Umbanda sendo uma religião genuinamente brasileira, ela possui linhas e elementos culturais africanas o que traz mais riqueza e magia para a religião da Umbanda. Assim levamos em consideração que um dos alicerces dentro do rito umbandista é o Ponto Cantado, já que ele é usado ao iniciar a sessão, para a purificar o terreiro, para a saudação e para as atividades de fechamento dos trabalhos dentro do terreiro de Umbanda.

Pois, ao analisarmos a ritualística de abertura de uma Gira de Umbanda veremos que ela é composta por danças para as entidades que fazem parte da casa, dado que é a partir do som dos atabaques/tambor, do canto e dos movimentos da

dança que as entidades vão chegar em terra, uma vez que a música e a dança são fundamentais no processo de incorporação, pois facilitam a entrega do médium a ritualística. Uma vez que “a música é vista e entendida como elemento propulsor à possessão é encontrado tanto no terreiro quanto em outras culturas” (Cardoso 2006).

Ou seja, dentro da ritualística compreendemos a mistura de elementos que compõem a religião umbandista, muitos terreiros de umbanda fazem uso dos atabaques, tambor, berimbau, caxixi, chocalho e outros instrumentos musicais, claro que esses instrumentos mudam de acordo com a região, costumes, etc.

Outro ponto analisado é que os pontos cantados normalmente não usados ao longo de toda sessão para manter a vibração da casa, dos médiuns e das entidades durante o período de trabalhos espirituais que envolvem limpeza, descarrego, cura, etc...

Este emprego constante da música aliada à poesia nos rituais é, segundo Rosafa (2008), o elemento condutor e o ‘combustível’ dessa manifestação religiosa. Ainda segundo Vagner Rosafa (2008), os pontos cantados podem ser classificados em seis categorias: Pontos de louvação; pontos de segurança; pontos de chamada; pontos de trabalho; pontos de partilha e pontos de encerramento e gira.

É extremamente comum serem encontradas variações entre as práticas de terreiros diferentes (ALMEIDA & SOUZA 2012), uma vez que o emprego dos pontos cantados e sua ritualística muda de um terreiro para o outro, bem como de uma região para a outra. Mesmo terreiros que mantêm uma proximidade geográfica podem utilizar-se de diferentes Pontos ou o “mesmo ponto” sofrer alterações em sua letra.

Assim, percebemos que os Pontos Cantados apresentam características estéticas e poéticas provindas de diferentes culturas na sociedade brasileira. Através destes cânticos é possível entender a forma como a Umbanda utiliza os pontos cantados para a construção da representação das identidades do seu culto religioso, pois os pontos cantados utilizados durante a gira trazem consigo um código de informações para o medium e para as entidades.

Uma vez que se resgatarmos um pouco da história antiga perceberemos que antigamente, o homem que era materialista e ligado aos aspectos físicos e matérias, acaba indo em busca de entender a sua verdadeira finalidade existência e é em virtude dessa necessidade de se religar com o Criador, acabou buscando diferentes formas de contato com o superior/divino.

E uma das formas encontrada para a reaproximação com o Divino/Deus foi através da música, onde se explicavam o respeito, a obediência e o amor ao Pai Maior/Deus/deuses.

E nesse sentido podemos classificar o uso das músicas como elemento principal nos ritos de umbanda um assunto um pouco complexo, pois trata-se de um assunto interno da organização da instituição religiosa umbandista que muitas vezes os seus dirigentes não gostam de abrir ao público/pesquisadores, pois a temática é vista pelos mesmos como algo sagrado, que pertence apenas ao terreiro e aos seus participantes .

Contudo ao analisarmos os pontos cantados encontrados dentro de um terreiro umbandista, percebemos que eles estão divididos entre pontos da linha de direita que envolvem a linha dos caboclos, preto velhos e orixás, enquanto na linha de esquerda encontramos os pontos para exus e pomba-giras.

E esta separação ritualística entre “pontos de direita” e “pontos de esquerda” ocorre em função das identidades das linhas de trabalho espiritual que cada uma desenvolve, dado que os ritos de direita e esquerda são diferentes.

2.3 PONTOS DE EXU – EXU CAVEIRA

Os pontos da linha de esquerda são voltados para as entidades denominadas Exus e Pomba Gira, a denominação dessa linha é aplicada tanto a espíritos masculinos, como femininos denominados de Exu no sentido masculino e Pomba Gira para feminino.

A figura de Exu é visto como um guardião da comunicação entre o nosso mundo e o mundo espitual. É uma das entidades mais conhecidas e cultuadas pelos umbandistas.

Exu é personagem controversa, talvez a mais controversa de todas as divindades do panteão ioruba. Alguns o consideram exclusivamente mau, outros o consideram capaz de atos benéficos e maléficos e outros, ainda, enfatizam seus traços de benevolência. [...]. As muitas faces da natureza de Exu acham-se apresentadas nos Odus e em outras formas de narrativa oral ioruba: sua competência como estrategista, sua inclinação para o lúdico, sua fidelidade à palavra e à verdade, seu bom senso e ponderação, que propiciam sensatez e discernimento para julgar com justiça e sabedoria. Essas qualidades o tornam interessante e atraente para alguns e indesejável para outros. (PINGO; 2019, p. 85).

Os Exus e Pomba Gira São entidades de luz que normalmente estão associados a proteção, justiça, força e disciplina para perseguir os objetivos que são

pedidos a essas entidades. Também estão associados à limpeza espiritual, sendo que cada Exú e Pombra gira tem a sua linha de trabalho e cada entidade vem trabalhar com uma vibração e irradiação diferente.

Um dos pontos conhecidos dentro dos terreiros de umbanda no estado de Santa Catarina é o ponto para o Exú Caveira que é um Exu pertencente a falange dos caveiras – que serve ao Orixá Obaluaê que diz:

“PORTÃO DE FERRO, CADEADO DE MADEIRA! (2X)

NO PORTÃO DO CEMITÉRIO, QUEM MANDA É EXU CAVEIRA! (2X)”

Conforme os terreiros de Umbanda, Exu Caveira é uma entidade que tem a característica de proteção e ajuda as pessoas livrando-os das energias negativas. É uma entidade que trabalha na linha da Calunga (cemitério) por isso a associação no trecho “no portão do cemitério, quem manda é exu caveira”, já no trecho “portão de ferro, cadeado de madeira” faz menção a limpeza e proteção espiritual, os exus são conhecidos pelo seu movimento rápido em atender a quem ele pede.

2.4 PONTOS DE DIREITA – PONTO DE OGUM

Nos ritos da linha de direita trabalham os Orixás, Caboclos e Preto-Velhos, e dentro do ritualístico todo cântico/ponto cantado possui um fundamento, possui um porque dentro da casa de umbanda. E cada um desses fundamentos tem uma “representação” que está diretamente ligada aos orixás, caboclos e/ou preto velho, dado que cada entidade tem uma vibração e uma linha de trabalho.

EU TENHO 7 ESPADAS PARA ME DEFENDER,

EU TENHO OGUM EM MINHA COMPANHIA (2X)

OGUM É MEU PAI, OGUM É MEU GUIA

OGUM É MEU PAI, ELE É FILHO DA VIRGEM MARIA

No ponto apresentado trazemos o orixá Ogum que é conhecido como um orixá guerreiro, que luta por aquilo que quer, é conhecido por sua coragem e por sua força, nesse ponto a figura de Ogum é representado pelos termos “pai e guia” e a ele foi

dado um elemento de luta representado por “sete espadas”, elemento esse que caracteriza a imagem de um orixá de guerra/luta e que protege seus filhos.

Sendo assim percebemos que o orixá Ogum estabelece um arquétipo de luta e conquista aos que a ele pedem, Ogum também é visto como o senhor da metalurgia, por ele ter o domínio sobre o ferro e o aço e por todas as suas ferramentas serem feitas com esses materiais como as espadas e lanças. Na umbanda o orixá Ogum é sincretizado como São Jorge (Santo Guerreiro) e suas cores são o vermelho, azul, e/ou branco e verde dependendo da doutrina do terreiro.

Assim podemos concluir que os pontos cantados abordam uma linguagem que está diretamente ligada as entidades e a espiritualidade produzindo e construindo novos laços de identidade entre os médiuns e as entidades que fazem parte dos terreiros bem como para a divulgação dessa cultura brasileira que é cercada por mitos e encantos.

. E por esse motivo que a umbanda deve ser trabalhada nessa proposta de artigo, uma vez que é a Umbanda é uma religião pouco explorada e cheia de magia, dado que os pontos cantados como já citados são de fundamental importância para que as sessões possam acontecer, trazendo a toda a sua ancestralidade das entidades bem como a ancestralidade da fundação da Umbanda.

Sendo assim observamos que os pontos cantados são divididos conforme suas características, pois cada tipo de ponto serve para uma determinação.

2.5 CARACTERÍSTICAS DOS PONTOS CANTADOS E SUA FUNCIONALIDADE

Os pontos de abertura ou licença para iniciar a gira, são melodias onde se pede a proteção dos Orixás, reforçando a ação das sentinelas do templo, que são os Exus e os Caboclos, que formam uma espécie de cordão de isolamento cuidando da casa e/ou sessão e dos médiuns.

- De Bate-Cabeça, que é a saudação ao Congá, visando a proteção para os trabalhos mediúnicos utilizados para iniciar aos trabalhos espirituais, sejam eles com entidades que trabalham na linha de esquerda ou direita. Os pontos de defumação são cantados no momento onde é realizada a queima de ervas aromáticas a fim de limpar as energias do terreiro.

Os pontos de chamada são utilizados para fazer o chamamento das entidades que irão trabalhar no terreiro, enquanto os pontos de encerramento/subida são utilizados quando as entidades do terreiro se preparam para subir ao plano espiritual finalizando assim os trabalhos. Enquanto os pontos cantados destinados aos povos/entidades são utilizados para as entidades em específico como Caboclos, Marinheiros, Exu e Pomba Gira, etc. são pontos utilizados para fazer as saudações e agradecimentos a essas entidades. Os instrumentos mais comuns dentro do ritual umbandista como já citado são os atabaques, contudo o bater de palmas, também é um instrumento que ajuda o médium a entrar em sintonia com as entidades facilitando assim a incorporação, dado que o bater das palmas também é uma forma de comunicação com espiritual.

3. METODOLOGIA

Quando analisamos os pontos de Umbanda percebemos que o emprego constante da música/pontos cantados quando estão aliadas à poesia nos rituais, segundo Rosafa (2008), percebemos que o elemento condutor e o ‘combustível’ dessa manifestação religiosa, uma vez que os pontos cantados são um conjunto de músicas próprias que são utilizadas nas sessões de umbanda, servindo para os mais diversos fins, como por exemplo chamar as entidades, defumar os ambientes, etc.

Ainda segundo Vagner Rosafa (2008), os pontos cantados podem ser classificados em seis categorias: Pontos de louvação; pontos de segurança; pontos de chamada; pontos de trabalho; pontos de partilha e pontos de encerramento e gira. É extremamente comum serem encontradas variações entre as práticas de terreiros diferentes (ALMEIDA & SOUZA 2012), uma vez que o emprego dos pontos cantados e sua ritualística muda de um terreiro para o outro, bem como de uma região para a outra. Mesmo os terreiros que mantêm uma proximidade geográfica (estado, cidade) podem utilizar-se de diferentes Pontos ou o “mesmo ponto” sofrer alterações em sua letra ou na sua melodia, já que em todas as casas mantem a sua regionalidade.

Assim percebe-se que os umbandistas utilizam os pontos cantados para poder entrar em harmonia com as forças da espiritualidade e das entidades que vão trabalhar na sessão, auxiliando assim os médiuns e os consulentes ao longo da consulta.

Pois é através dos pontos cantados que os umbandistas buscam a sintonia com as entidades, a vinda dos guias e protetores espirituais junto com a energia delas bem como a força da união das entidades de todo o terreiro durante a sessão

É nesse sentido que o trabalho que foi intitulado como “Da música ao rito: a fundamentação dos ritos umbandistas” se deu por meio da pesquisa bibliográfica, sendo utilizado para essa pesquisa autores específicos como Ronaldo de Almeida, Vagner Rosafa, Almeida Cardoso que são autores que trabalham com a religião umbandista, trazendo além da pesquisa alguns relatos que já foram documentados na literatura disponível em sites de pesquisas e em artigos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado a Umbanda é uma religião que foi criada no Brasil no início do século XX, e que traz consigo vários elementos sincretizados do catolicismo, kardecismo e de religiões de matriz africana.

Os terreiros de umbanda têm como finalidade ajudar ao próximo, e para isso os consulentes vão aos centros umbandistas com a finalidade de receber ajuda por meio dos passes ou com o atendimento das entidades que trabalham no terreiro. E como já citado as entidades se dividem em direita (pretos-velhos, caboclos) enquanto na esquerda trabalham Exu e Pomba Gira.

E para que o funcionamento dos trabalhos aconteça é fundamental importância a presença dos pontos cantados pois é através deles que os médiuns entram em sintonia/contato com as suas entidades, já que ele é um conjunto dos sons que acaba gerando uma vibração a qual facilita a vinda das Entidades de Luz e o processo de incorporação do médium.

Pois ao estudarmos a história antiga apreenderemos que no período antigo o homem que era materialista e pensava somente em conquistar bens materiais e estavam ligados aos aspectos físicos e matérias acabaram por ir buscar e compreender a verdadeira finalidade de sua existência enquanto ser humano. E em virtude da necessidade de se religar com o Criador ou ser divino as pessoas passam a buscar diferentes formas de contato com a espiritualidade e uma das formas foi através da música.

Quando analisamos a existência dos cantos dentro dos rituais religiosos percebemos que ele existe em diversas religiões e aparece de diferentes formas com

suas características próprias, objetivando a sua adoração, devoção e servidão a espiritualidade, desta forma, vemos que a música aparece na forma de Pontos Cantados na Umbanda, os mantras indianos, os Cantos Gregorianos da Igreja Católica, ou os Cantos de Louvor à Deus dos Protestantes.

Os pontos cantados exercem influência direta no que tange os valores espirituais dos tanto para os filhos de santo como de toda ritualística e as entidades que trabalham e auxiliam nos terreiros. Estabelecendo uma forma de diálogo espiritual que possuem grande valor dentro do terreiro e na vida dos adeptos da religião.

Assim, podemos concluir que quando analisamos os pontos cantados podemos encontrar várias semelhanças entre os processos de música e o culto umbandista com os pontos cantados, uma vez que a música e o seu ritmo junto a expressão corporal têm muito a ver com o culto umbandista havendo uma semelhança na forma de ouvir, senti-la e dança-la, dado que os Pontos Cantados são mais que cantigas de Umbanda, são cantigas em louvor aos Orixás e as linhas das Entidades.

Nós podemos entender os Pontos Cantados como: mantras, preces, que expõem as forças da natureza e nos fazem entrar em contato íntimo com as entidades espirituais que nos regem. Já que existe toda uma magia por trás dos Pontos Cantados e que quando utilizados com conhecimento, amor e fé acabam por provocar através das ondas sonoras, a atração e a harmonização de forças astrais presentes nas nossas vidas.

Dado que os Pontos Cantados são evocações, que aparecem em forma de pequenas histórias que podem ser cantadas ou em orações, trazendo em seu contexto quem é o Guia e/ou Orixá, qual a sua forma de atuação, qual a sua força diante das dificuldades, sua relação com os Orixás, um chamamento de um filho que procura ajuda ou proteção, entre outras colocações de festividade e/ou manifestação de fé.

Desta forma, os Pontos Cantados, por serem de grande importância e fundamento, devem ser alvo de todo o cuidado, respeito e atenção por parte daqueles que as utilizam. Sendo ferramenta poderosa de auxílio às Entidades, que atuam dentro da Corrente Astral de Umbanda.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de. 2009. **A igreja Universal e seus Demônios. Um estudo etnográfico.** São Paulo, Ed. Terceiro Nome, Pág. 149.

ALMEIDA, André & SOUZA Ana. **Ogans: Músicos de Religiões Afro-Brasileiras. Identidades e Representações de Poder.** In Anais do II Simpósio Nacional de Musicologia (EMAC/UFG) & IV Encontro de Musicologia Histórica (UFRJ). 2012.

ALMEIDA, André Luiz Monteiro de, SOUZA, Ana Gu Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: **História e Diversidade Cultural.** Textos Completos. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281iomar Rêgo. Analisando pontos cantados da umbanda – hibridações e representações sociais. 2012.

BROWN, D. 1985 “**Uma história da umbanda no Rio**”, in BROWN, D. (et al) Umbanda e política, Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 9-42

BROWN, D. (et al) **Umbanda e política.** Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 43-79.

CARDOSO, Ângelo. **A Linguagem dos Tambores.** Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Escola de Música. 2006.

GIUMBELLI, E. **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro.** in SILVA, V. G. (org.) Caminhos da alma: memória afro-brasileira, São Paulo, Summus, 2002. pp. 183-217.

JENSEN, T. G. **Discurso sobre as religiões afro-brasileiras: da desafricanização para a reafricanização.** Revista de Estudos da Religião, n. 1, p. 1-21, jan. 2001.

NOGUEIRA, G. D.; NOGUEIRA, N. S. **Seu Cangira, deixa a gira girar: a Cabula capixaba e seus vestígios em Minas Gerais.** Revista Calundu, v. 1, n.2, jul-dez. 2017.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa.** São Paulo: Sueli Carneiro; editora jandaia. 2020.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo, 1999. Brasiliense, 2ª ed.

OLIVEIRA, J. H. M. 2008 **Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira.** Limeira, 2008. Editora do Conhecimento.

PINGO Lisandra; **Orixá Exu tem sua imagem desmistificada como ser do mal e assustador,** 2019 disponível em <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/orixa-exu-tem-sua-imagem-desmistificada-como-ser-do-mal-e-assustador/> acessado em 14/11/2021

ROSAFA, Vagner. **Terreiro de Umbanda Mártir de São Sebastião: Registros de patrimônio Imaterial.** Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (UCG). Dissertação. p. 71-78. 2008

SARACENI. **Os Decanos: os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda.** São Paulo: Madras, 2003.

SARACENI, Rubens. **Código de Umbanda.** [S.l.]: Madras, 2008. 21 p. ISBN 978-85-370-0338-1.

SILVA, V.G. da. 2007. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras:** Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no brasil contemporâneo. *Mana*, 13:207-236. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132007000100008>